


Estudo | 10/07/2013 10:33

Literatura negra brasileira tem relação com Ciências Sociais

Conclusão é de estudo que ganhou o Prêmio CES para Jovens Cientistas Sociais de Língua Portuguesa

Elton Alisson, da 

São Paulo – O surgimento de escritores e ativistas negros e de autores representantes da chamada **literatura** periférica no cenário editorial brasileiro contemporâneo coincidiu com ciclos de aproximação e de interesse das Ciências Sociais por movimentos de ativismo político e cultural.

Movimentos esses em defesa dos direitos civis da população negra e sobre questões relacionadas à condição racial, direitos sociais e a realidade nas periferias urbanas do país, abordadas tanto por esses autores como por sociólogos e antropólogos em suas obras.

A conclusão é de um estudo de doutorado, realizado no Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFICH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com Bolsa da FAPESP, que acaba de ganhar a 8ª edição do Prêmio CES para Jovens Cientistas Sociais de Língua Portuguesa.

Instituído pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, de Portugal, o prêmio é atribuído bianualmente a pesquisadores da área de Ciências Sociais com até 35 anos de idade, originários de países de língua portuguesa. Um dos objetivos principais da distinção é “promover o reconhecimento de estudos que contribuam, pelo seu excepcional mérito, para o desenvolvimento das comunidades científicas de língua portuguesa”.

O estudo já havia recebido em 2012 uma menção honrosa no “Concurso Brasileiro Anpocs de Obras Científicas e Teses Universitárias em Ciências Sociais”, realizado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

“Procurei, em meu trabalho, analisar a percepção de escritores negros ou representantes da literatura periférica sobre o Brasil e, ao mesmo tempo, entender as aproximações entre as Ciências Sociais e os movimentos de ativismo político e cultural negros e a literatura negra no país que, ao meu ver, era uma lacuna na discussão da história da sociologia brasileira”, disse Mário Augusto Medeiros da Silva, autor do estudo, à Agência FAPESP.

Ele analisou a produção literária no período de 1960 e 2000 de escritores autoidentificados como negros ou “periféricos”, como Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Paulo Lins, Reginaldo Ferreira da Silva – o Ferréz – e o coletivo de escritores negros Quilombhoje.

De acordo com Medeiros da Silva, as obras desses autores refletem sobre a sociedade brasileira do ponto de vista de suas condições étnica e social e de quem vive e vivencia a realidade das periferias urbanas brasileiras. Além disso, despontaram no mercado editorial brasileiro no momento em que os movimentos de ativismo político e social em defesa dos direitos civis dos negros começaram a ganhar força e as questões abordadas nessas obras começaram a ser discutidas mais profundamente em áreas como a Sociologia e a Antropologia.

Na década de 1950 e início dos anos de 1960, por exemplo, questões como a democracia racial e direitos sociais das camadas mais pobres e desfavorecidas da sociedade foram muito discutidas na sociedade brasileira.

Nesse período, os sociólogos Roger Bastide (1898-1974) e Florestan Fernandes (1920-1995) publicaram o livro *Branços e negros em São Paulo*, resultado de uma pesquisa financiada pela Unesco sobre as relações raciais no país. Na mesma época, Carolina Maria de Jesus –escritora negra e catadora de papel em São Paulo – publicou o livro *Quarto de despejo*, em 1960.

Mas esse movimento efervescente de discussão sobre questões raciais foi interrompido com o golpe militar de 1964. “Quando ocorreu o golpe militar, tanto a Sociologia como o ativismo político e cultural negro entraram em rota de colisão com a ditadura: foram perseguidos e o movimento perdeu força”, disse Medeiros da Silva.

O movimento de ativismo negro só retornaria no fim da década de 1970 quando, coincidentemente, também ressurgiram autores de literatura negra como o coletivo cultural Quilombhoje, sediado em São Paulo, que começou a publicar em 1978 a série de antologias *Cadernos Negros*, que circulam até hoje. “Mas a Sociologia brasileira estava discutindo sobre outras coisas nessa época e o debate sobre o assunto foi alterado sensivelmente”, disse Medeiros da Silva.

Interesse renovado

As Ciências Sociais voltariam a se interessar por questões relacionadas ao movimento ativista negro, segundo Medeiros da Silva, no início da década de 1980, quando a Antropologia e a Sociologia iniciaram uma discussão sobre cidades, urbanismo e as periferias urbanas no Brasil.

Nesse período, Alba Zaluar, professora da Unicamp, iniciou uma pesquisa sobre o cotidiano na periferia carioca, intitulada *Crime e criminalidade nas classes populares*, que resultou no livro *A máquina e a revolta: as organizações populares e os significados da pobreza*.

Para realizar a pesquisa, Zaluar teve como assistente Paulo Lins, que realizou entrevistas com moradores da comunidade de Cidade de Deus, no Rio de Janeiro.

Incentivado por Zaluar e pelo crítico literário e também professor aposentado da Unicamp Roberto Schwarz, Lins escreveu o livro *Cidade de Deus*, publicado em 1997, que deu origem ao filme homônimo.

“Podemos dizer que Paulo Lins, enquanto um autor negro que nunca negou essa condição, foi incentivado por cientistas sociais a escrever um romance que discute o Brasil do ponto de vista da periferia”, avaliou Silva. “O caso dele é emblemático da relação entre as Ciências Sociais, Literatura e ativismo cultural, que é algo que procurei discutir e demonstrar na minha tese”, afirmou.

Ainda no fim da década de 1990, o escritor Ferréz também surge no cenário literário brasileiro com o lançamento de *Capão Pecado*. Na avaliação de Medeiros Silva, esse livro deu uma contribuição importante ao colocar em discussão a ideia de uma literatura periférica brasileira, feita por escritores que vivem nas periferias urbanas. No entanto, o conceito foi lançado aparentemente desvinculado de ações que ocorreram no passado, realizadas por escritores que tinham propostas semelhantes, como Carolina Maria de Jesus.

As Ciências Sociais voltariam a discutir novamente esse assunto nos anos 2000, com o estudo de mestrado *Literatura Marginal: os escritores da periferia entram em cena*, realizado entre 2004 a 2006 pela antropóloga Érica Peçanha do Nascimento na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), também com Bolsa da FAPESP.

“As ideias de literatura negra e literatura periférica têm um parentesco muito próximo e a forma como os autores desses dois movimentos pensaram a sociedade brasileira são muito semelhantes”, afirmou Silva.

“A história recente da sociologia brasileira, no que diz respeito à questão racial, não poderia ter sido feita se não tivesse havido um encontro entre sociólogos, como Bastide e Fernandes, com ativistas políticos, culturais e esses escritores negros”, avaliou.